

PITUXA, A VIRA-LATA

Walcyr Carrasco



© Ana Matsusaki

Resenha

Seja na infância ou na vida adulta, sempre temos algo a aprender quando nos relacionamos com animais de estimação. Nesta obra de Walcyr Carrasco, o foco é especificamente dado à nossa relação com a espécie canina. Afinal, cuidar de um cachorro pode nos render valiosas lições acerca de noções de responsabilidade, afeto, lealdade e companheirismo. E, independentemente do tamanho, da cor ou da idade, um cão é sempre um cão. Mas não seria melhor um cão “de raça”?

Essa é a principal questão levantada pela obra *Pituxa, a vira-lata*.

Logo no início do livro, somos convidados a conhecer a Alice, uma garota rica, criada com todos os requintes: roupas e sapatos de marca, segurança 24h, celular de última geração e um belo casal de pastores-alemães – com *pedigree*, claro! Os cachorros eram seu maior orgulho. Batizados Sissi e Ludovico, eles tomavam banho toda semana, dormiam em colchões macios e comiam ração da melhor qualidade. Tudo parecia perfeito na vida de Alice, ou melhor, tudo *era* perfeito na vida de Alice! Até o dia em que a vira-lata Pituxa cruzou o seu caminho...

Pituxa vivia na rua e Alice não se conformou quando sua mãe decidiu adotá-la, trazendo-a para dentro de casa, para o quintal que até então era reinado por Sissi e Ludovico. Para Alice, Pituxa



Coordenação:
Maria José Nóbrega

não era digna de todos os mimos que os pastores recebiam, afinal, ela não tinha o porte imponente, o pelo lustroso e muito menos o *pedigree* que comprovava uma boa linhagem canina. Pituxa nem raça tinha! E essa “falha”, para Alice, era imperdoável.

Uma situação difícil e dolorida, entretanto, acaba se transformando em uma chance para a vira-lata mostrar seu valor, ou melhor, em uma chance para Alice rever seus conceitos, amolecendo enfim seu coração.

Por meio desse mote, Walcyr Carrasco, delicadamente, convida o pequeno leitor a refletir sobre como o orgulho, o preconceito e a valorização excessiva do *status* social podem distorcer nosso olhar para o mundo e, principalmente, para o outro. Afinal, qualidades como bondade, lealdade e compaixão não são visíveis aos olhos, tampouco estão atreladas a condições financeiras, beleza ou raça de quaisquer espécies.

Em um momento em que a sociedade parece cada vez mais valorizar a imagem sobre a realidade, Pituxa, a vira-lata, como todo e qualquer cão, tem muito a nos ensinar.



Depoimento

De Luciana Alvarez,
jornalista e mãe

Minhas crianças amam cachorros. A imagem da Pituxa na capa foi suficiente para que meus dois filhos se animassem com a história. E, durante toda a narrativa, tive de responder a várias questões sobre o mundo canino: o que é *pedigree*, a origem da expressão “vira-lata”, qual a diferença de uma raça para outra, o que é a carrocinha, quantos filhotes uma cadela pode dar à luz.

De uma outra maneira, as ilustrações também aguçaram a curiosidade dos pequenos: a cada página as crianças ficavam ansiosas para reconhecer o que era “de verdade” e “de mentira”, ou seja, identificar as fotos em meio aos desenhos. Em uma das páginas, Alice pega uma revista com a imagem da personagem principal de *Laís, a fofinha* – obra dos mesmos autor e ilustradora. Eles já tinham lido a história da Laís e reconheceram imediatamente a conexão entre os livros.

A obra não é apenas sobre cães, é sobre as pessoas que se importam demais com *pedigrees* e

aparência exterior. Meus filhos contaram sobre colegas que têm um comportamento semelhante ao que Alice teve inicialmente, crianças que, apesar de pequenas, já se preocupam com coisas materiais e tentam humilhar as outras. Como apontar o dedo é mais fácil do que olhar para si mesmo, aproveitei para questionar se, em alguns momentos, eles também não teriam um comportamento assim. O que me levou a outra reflexão: será que eu, às vezes, me pareço com a Alice?

O mais legal da história é que Alice é capaz de mudar. Depois de passar pela dor de perder a cachorra de que tanto gostava, ela aprende a amar Pituxa. Percebe que um bom cachorro tem que ser companheiro e fiel, independentemente de raças. Mais uma vez, lembrei às crianças que isso não vale só para os animais. Quando se encontra um bom amigo, pouco importam os brinquedos que ele tenha, a casa em que more, os lugares para onde viaje.

Ao fim da narrativa, o livro traz um breve texto sob o título “As diferenças não importam”. É uma espécie de moral da história, em que Walcyr Carrasco aproveita para contar suas motivações e inspirações. A princípio esse texto me incomodou. Será que as crianças não são capazes elas mesmas de

tirar suas conclusões? O que importa se a Pituxa ficcional foi inspirada em uma cadela de verdade, ou se foi fruto de imaginação?

Não estamos acostumados a ler histórias com uma lição de moral explícita no final, embora estejamos cercados de narrativas infantis moralizantes. Atualmente o padrão é a ausência desse final com a moral escrita, mas, de uma perspectiva histórica, isso não é tão estranho. O autor francês do século XVII Charles Perrault, considerado o pai dos contos de fadas, escrevia sua interpretação da moral da história ao final de cada uma. Talvez ele entendesse as crianças melhor que eu.

Meus filhos se interessaram em saber sobre os cachorros do autor e em entender um pouco mais sobre o processo criativo. Também ficaram muito satisfeitos ao perceber que entenderam da história o que o autor pretendia. Fiquei sem moral para reclamar.



Um pouco sobre o autor

Walcyr Carrasco nasceu em 1951 em Bernardino de Campos, SP. Escritor, cronista, dramaturgo e roteirista, com diversos trabalhos premiados, formou-se na Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. Por muitos anos trabalhou como jornalista nos maiores veículos de comunicação de São Paulo, ao mesmo tempo que iniciava sua carreira de escritor na revista *Recreio*. Desde então, escreveu diversas novelas, peças de teatro e publicou mais de trinta livros infantojuvenis, tendo recebido por suas obras muitos prêmios ao longo da carreira.



É cronista de revistas semanais e membro da Academia Paulista de Letras, onde recebeu o título de Imortal.



Leia Mais

Do mesmo autor

- ✘ *Meus dois pais*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *Asas do Joel*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *Quando meu irmãozinho nasceu*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *Carolina*. São Paulo: Moderna.
- ✘ *O selvagem*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero ou assunto

- ✘ *A gaiola*, de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.
- ✘ *Achados e perdidos*, de Oliver Jeffers. São Paulo: Salamandra.
- ✘ *As mães e os pais da gente*, de Wagner Costa. São Paulo: Moderna.
- ✘ *Madeline Finn e Bonnie*, de Lisa Papp. São Paulo: Salamandra.
- ✘ *Fala, bicho!*, de Silvana Tavano. São Paulo: Moderna.

